

Medusa

Capicua

Compositor: Capicua & Valete

(Nas confusas redes do seu pensamento
prendem-se obscuras medusas)

Ela é medusa
A vítima que toda a gente acusa
E de quem a vida abusa
Ela é Medusa e recua e recusa
E resiste, ele insiste e arranca-lhe a blusa e usa-a
Escusa, ela acua, sozinha na rua
Seminua
Semi-sua
Semi-morta!
Porque mais ninguém se importa!
Ela é Medusa
O corpo pra que toda a gente aponta
Que posta, não gosta
faz troça, desmonta
Comenta, ali exposta na montra
De fita métrica pronta
Examina-se a carne
E critica-se a? coisa?
O resto não conta
É uma sombra

(Uma medusa em vez de coração)

Por cada vítima acusada
E transformada em monstro
Em cada casa, cada caso
Cada cara e cada corpo
Em mais um dedo apontado ao outro
Cresce a ira da Medusa que me vês no rosto

Em cima da ponte está a tua irmã desaparecida
em interação com aqueles instintos suicidas
abatida na depressão duma história nunca esquecida
vencida por um trauma de uma violação aos 15
Em cima da ponte está a mulher que bombardeiam
Por usar a liberdade sexual tão proclamada
Degolada por tantas ofensas que vocês fraseiam
Exterminada pelo nojo daqueles que a rodeiam
Em cima da ponte está Maria Conceição
Vítima de uma relação e de um amor tirano
Marcada pela opressão e traumatismos cranianos
Golpeada por quase 20 anos de agressão doméstica
Em cima da ponte está a tua vizinha acanhada
Há muito aniquilada por esperanças que se esfumam
Há muito rebaixada por vexames que se avolumam
Embaraçada pelo próprio corpo que todos repugnam
Em cima da ponte

(Nas confusas redes do seu pensamento
prendem-se obscuras medusas)

Por cada vítima acusada
E transformada em monstro
Em cada casa, cada caso
cada cara e cada corpo
em mais um dedo apontado ao outro
Cresce a ira da Medusa que me vês no rosto

Ela é Medusa
A miúda de que toda a gente fala

Na rua, na sala de aula, e à baila

Vem ela, a cadela, a perdida, sem trela
Vadia, cautela com ela
Que é livre, e vive
A vida dela

Como se atreve?
Aquela

Ela é Medusa
Aquela de que mais ninguém tem pena
Que apanha, sem queixa, que deixa e aguenta
Aquela que pensa que o amor é pra sempre
E na crença, sofre em silêncio

Só
Completamente só
Esconde a nódoa negra com o pó

Por cada vítima acusada
E transformada em monstro
Em cada casa, cada caso
cada cara e cada corpo
em mais um dedo apontado ao outro
Cresce a ira da Medusa que me vês no rosto

É a minha ira, a nossa ira, a ira
A minha ira, a nossa ira, a ira

É a minha ira, a nossa ira, a ira
(Uma medusa em vez de coração)
A minha ira, a nossa ira, a ira
(Uma medusa em vez de coração)

(www.vagalume.com.br/capicua/medusa.html)

Cantiga Da Montaña

Xabier Díaz e Adufeiras de Salitre

Ao pasar pola túa porta
Levo presa e vou correndo
Porque non digan teus pais
Que de amores te pretendo
Ao pasar pola túa porta
Levo presa e vou correndo

Dende aquí te estou
mirando
Cara cara, frente a frente
E non che podo dicir
O que o meu corazón sente
Dende aquí te estou
mirando
Cara cara, frente a frente

(www.musixmatch.com/pt/letras/Xabier-Díaz-e-Adufeiras-de-Salitre/Cantiga-Da-Montaña)

Neste lugarín pequeno
Amores hei de encontrar
Ou no pico ou no fondo
Ou no medio do lugar
Neste lugarín pequeno
Amores hei de encontrar

Polo sol mándoche cartas
pola lúa saudades
polas estrelas do ceo
memorias que te regales
Polo sol mándoche cartas
pola lúa saudades

Não sei, minha filha, que o mundo será o teu

José Ricardo Nunes, em *Andar a Par*, Tinta-da-China, 2015.

Não sei, minha filha, que mundo será o teu.
Mundo, como sabes, é apenas uma palavra
e nessa precária condição pode ter o significado
que lhe quiseres dar. Porém, se lhe quiseres dar
um significado verdadeiro, mundo é muito mais
que mundo, pode mesmo ser a realidade que devia ser
em vez de ser, como já sabes, apenas uma palavra
que até um poeta de primeira grandeza jamais sabe
o que será depois de ser escrita num caderno e por alguém
pronunciada. Para mim, é uma palavra de significado
bastante reduzido. Gostaria que o seu significado
não coubesse apenas numa palavra e fosse um composto
de coisas de verdade, terras e prédios e gente
de verdade a caminhar pelas ruas. Que a injustiça
que sinto e não quero ver propagada é o significado
ausente dessa palavra grande, onde cabem os países
todos e que associamos a tudo o que nos rodeia,
associa desde logo a ti, que és o mundo. O mundo,
um mundo, mundo apenas, prescindindo de aludir às variáveis
que a língua compreende e nos desorientam ainda mais.
Basta que não a ligue a nada de palpável para perder
significado. Posso escrevê-la, proferi-la e nada ter
depois a que relacioná-la, apenas ao eco
quando a traz de volta ou à leitura, por exemplo,
de um poema tão sentido quanto aquele
que Jorge de Sena dirigiu aos filhos. O teu mundo
não sei como será, Beatriz. Mas seja o que for,
com terras e prédios e gente a caminhar pelas ruas,
só espero que seja um mundo de verdade mesmo. Só peço
que a palavra mundo não se torne num lugar vazio
no dicionário, sem nada ter por referência,
como sucede com o meu, não sei porquê.
Igual, de resto, ao que sucede com outras palavras,
desde logo com a palavra amor, que também não sei se serve
ao que sinto, como já te disse, e não contém todo o amor
que sinto por ti, tão basto quanto um mundo de verdade.
Só peço que o teu não se desfaça assim. Que o mundo
dá um imenso trabalho e refazer se for coisa de verdade
e não apenas uma palavra bem escolhida, dessas que
demoram a escolher mas alguém decide pôr dentro de um poema,
apesar de ser uma palavra grande demais e ter pouco
significado para mim. “O mesmo mundo que criemos
nos cumpre tê-lo cuidado, como coisa que não é
nossa, que nos é cedida para a guardarmos respeitosa-
mente.”
O teu não sei o que será. Só peço que tenha ainda melhor
significado do que aquele que hoje imaginas de verdade
merecer. Mundo, como sabes, é apenas uma palavra
e nessa precária condição pode ter o significado
que lhe quiseres dar.



ari[t]mar

galiza e portugal

Gala Premios música e poesía galego-portuguesa

Martes 25 de outubro. 20:00 h
Teatro Principal
Santiago de Compostela

CAPICUA

Premio
ao mellor
tema musical
portugués

XABIER DÍAZ

Premio
ao mellor
tema musical
galego

JOSÉ RICARDO NUNES

Premio
ao mellor
poema
portugués

MARÍA DO CEBREIRO

Premio
ao mellor
poema
galego

Presentan

CARLOS MEIXIDE
ISABEL RISCO

ari(t)mar galiza e portugal é unha iniciativa da Escola Oficial de Idiomas de Santiago de Compostela, que leva a cabo agora a súa primeira edición, e ten por obxectivo dar a coñecer e difundir a poesía e a música editada en Galiza e en Portugal, así como achegar a cultura e a lingua dos dous países, no marco das accións de desenvolvemento da Lei Valentín Paz-Andrade para o aproveitamento da lingua portuguesa e vínculos coa lusofonía.

O certame consta de catro categorías: mellor tema musical galego, mellor tema musical portugués, mellor poema galego e mellor poema portugués. A escolla foi feita polo público xeral, galego e portugués, entre 10 poemas e cancións finalistas seleccionadas polo xurado do certame.

Palmarés de gañadores de músicas e poesías publicadas en 2015

Músicas gañadoras:

Galiza: **Cantiga da montaña** (Xabier Díaz & Adufeiras de Salitre)
Portugal: **Medusa** (Capicua).

As segundas máis votadas:
Soa (Coanhadeira, Galiza)
Irmão de sangue (Luísa Sobral, Portugal)

As terceiras:
Como eu canto (Ses, Galiza)
Insular (Aline Frazão, Portugal)

Poesías gañadoras:

Galiza: **O corazón** (María do Cebreiro, *O deserto*)

2.º posto: **Engano** (Baia Fernández de la Torre, *Unha viaxe de ruminantes*)
3.º posto: **Dezaseis** (María Lado, *Oso, mamá, sí?*)

Portugal: **Não sei, minha filha** (José Ricardo Nunes, *Andar a par*)

2.º posto: **Eva e Lilith** (Nuno Júdice, *Convergência dos ventos*)
3.º posto: **Não sei como dizer, e todavia** (Ana Luísa Amaral, *E todavia*)



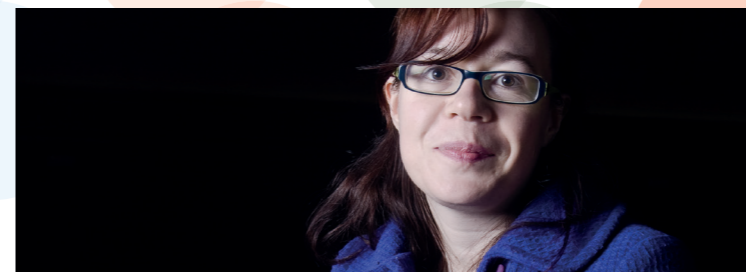
Capicua é Ana Matos Fernandes. Nascida no Porto, cresce a gostar de rimas e de palabras ditas ao contrario. Com 15 descobre o Hip Hop, primeiro pelos desenhos nas paredes, depois pelas rimas em cassetes, até chegar aos microfones. Algures entre a escola e a universidade, do Porto para Lisboa, estuda sociologia e faz um doutoramento em Barcelona. Mc militante desde 2004, edita dois Ep's em grupo ("Szygy" em 2006 e "Mau Feitio" em 2007), até estar pronta para a primeira aventura solitária em 2008, com a aclamada mixtape "Capicua goes Preemo". Seguem-se inúmeras colaborações em diversas compilações e mixtapes de alguns dos mais conceituados Dj's e Produtores de Hip Hop nacionais. Finalmente, em 2012, edita o seu primeiro álbum em nome próprio, com selo Optimus Discos e consegue atingir novos públicos, surpreender a crítica e ganhar destaque nas mais prestigiadas listas de melhores discos do ano. 2013 começa com nova mixtape, desta vez com beats de Kanye West ("Capicua goes West"), que prepara terreno para um segundo LP, "Sereia Louca" (ou serei a louca, se quiserem), que chega em Março de 2014 pela Norte Sul. Este trabalho precipita uma longa lista de concertos pelos principais palcos e festivais do país, faz crescer um público cada vez mais diverso, consolida e aprofunda o respeito dos pares e da crítica, confirmando o lugar de Capicua como um dos maiores talentos da nova música portuguesa e uma das mais incontornáveis artistas da sua geração. Para celebrar tudo isto, chega "Medusa" (Norte Sul, 2015), um disco de remisturas com dois temas originais, em que marcam presença alguns dos mais estimulantes projectos de Hip Hop e da actual música urbana de raiz electrónica, como Sam the Kid, Octa Push, Valete, Expeão, DJ Ride e White Haus, DJ Marfox, Stereoosauero & Razat, Ninja Kore, entre outro. Conhecida pela sua escrita emotiva e politicamente engajada, pela espontaneidade e por uma clara atitude feminista, conta já com uma longa lista de colaborações, conferências, projetos sociais e workshops, sempre em torno da palavra e da música. (<http://www.capicua.pt/capicua>)



Xabier Díaz compaxina as súas facetas de músico e compositor cunha laboriosa actividade como investigador e compilador do folclore tradicional galego. Froito deste traballo é o álbum Coplas para Icíá (2007) no que contou coa participación de Pedro Lamas e Suso Iglesias. Foi cantante titular da compañía Nova Galega de Danza coa que levou a escena os espectáculos Alento, Engado e Tradición entre os anos 2005 e 2009. Formou parte do grupo Berrogüetto, desde inicios de 2008 até 2014, ano no que se anunciaba a disolución da banda. Durante este tempo editaron os discos Kosmogonias (2010) e O pulso da terra (2011). Alén diso, obtiveron o Premio de la Academia de la Música á mellor canción en galego (2011) e o de mellor grupo de música folk na primeira edición dos Premios Galegos da Música Martín Códax (2013), así como o galardón á mellor banda sonora nos Premios Mestre Mateo (2014) coa película Inevitable. Participou xunto a Guadi Galego, Guillermo Fernández e Xosé Lois Romero no proxecto aCadaCanto co que editaron aCadaCanto (2012) e A Rosa D' Adina (2014). Cómpre destacar as súas numerosas colaboracións en discos e concertos de diferentes artistas, tales como Kepa Junquera, Xosé Manuel Budiño, Carmen París, Amancio Prada, Luar na Lubre, Uxía ou Os Cempés. Así mesmo, a súa presenza nos escenarios non só se circunscribe ao ámbito galego senón a lugares como México, Cimbabue, Alemaña, Uruguai, Italia, Perú, Dinamarca, Francia, Suíza, Arxentina ou Bélxica. No ano 2015 editou The tambourine man xunto ás Adufeiras de Salitre, que obtivo o galardón ao mellor disco galego nos Premios de la Música Independiente (2016) e ao mellor álbum na categoría de música tradicional dos Premios Martín Códax da Música Galega (2016). Alén diso, The tambourine man, permitiulle manterse no top ten da World Music Charts Europe nos meses de febreiro e marzo de 2016. (www.xabierdiaz.com)



José Ricardo Nunes nasceu em Lisboa, em 1964. Vive em Caldas da Rainha. É licenciado em Direito e mestre em Cultura e Literatura Portuguesas. *Rua 31 de Janeiro – Algumas Vozes* (& etc, 1998) foi o seu livro de estreia na poesia, ao qual se seguiram *Na Linha Divisória* (Campo das Letras, 2000), *Novas Razões* (Gótica, 2002) e, todos publicados pela Deriva, *Apócrifo* (2007), *Versos Olímpicos* (2008) e *Compositores do Período Barroco* (2013). Em prosa, publicou *Alfabeto Adiado* (Deriva, 2010), *Uma Viagem à Costa Rica* (edição do autor, 2010) e *Confissões* (Companhia das Ilhas, 2013). No domínio do ensaio e da crítica literária, tem colaborado nas revistas *Relâmpago* e *Colóquio/Letras*, e, em volume, publicou *Um Corpo Escrevente – a Poesia de Luíza Neto Jorge* (& etc, 2000) e *Nove Poetas para o Século XXI* (Angelus Novus, 2002). *Andar a Par* é o seu primeiro livro na Tinta-da-china. (www.wook.pt/autor/jose-ricardo-nunes/23645)



María do Cebreiro Rábade Villar, nada en Santiago de Compostela o 5 de xullo de 1976, é unha escritora galega e teórica da literatura. Filla dos escritores Helena Villar Janeiro e Xesús Rábade Paredes e irmá do pianista Abe Rábade. En 1998 licenciouse en Filoloxía Hispánica pola Universidade de Santiago de Compostela. É investigadora e profesora de Teoría da Literatura na Facultade de Filoloxía de Santiago de Compostela. En 1998 viu a luz o seu primeiro libro de poemas *O estadio do espello*. Seguirono *Nós, as inadaptadas* (2002, accésit do XXI Premio Esquíu de Poesía en Lingua Galega), *Non queres que o poema te coñeza* (2004, galardoado co II Premio de poesía Caixanova 2003), *O barrio das chinesas* (2005), *Os hemisferios* (2006), *Cuarto de outono* (2008), *Non son de aquí* (2008) Os inocentes (2014) e *O deserto* (2015). En 2004 acadou o Premio de Investigación Dámaso Alonso coa obra *As antoloxías de poesía en Galicia e Cataluña*, extraída da súa tese de doutoramento *Aproximación teórica ó fenómeno antolóxico desde a perspectiva do espacio* (2004), na que ensaia unha teoría das antoloxías poéticas no contexto literario peninsular, e máis especificamente nas sociedades galega e catalá contemporáneas. No ano 2005 publica *As terceiras mulleres*, ensaio trazado ao redor da nova maneira de entender a representación da subxectividade feminina e a creación artística feita por mulleres. Xa en 2011 ve a luz *Fogar impronunciable. Poesía e pantasma* onde reflexiona sobre a desaparición e a literatura como un dos medios de representación histórica. Coordinou as escolmas *A poesía é o gran milagre do mundo* (2001), mostra de poesía galega contemporánea traducida ao inglés, e *Damas negras* (2002), antoloxía e tradución ao galego de letras de cancións cantadas por mulleres. (gl.wikipedia.org/wiki/María_do_Cebreiro)

O corazón

María do Cebreiro, en *O deserto*, Apiario, 2015

Ninguén nos dará a man no derradeiro alento. Quizais a morte sexa unha experiencia nobre. Quizais sexa tan cega como o amor, e o sentido da vida sería un significante baleiro, igual que o orgasmo. Poderán agarrarnos da man ou bicarnos na fronte, pero no derradeiro instante (se é realmente o instante derradeiro) estaremos nós sós. E nada é suficiente contra a morte. Morren os asasinados e os canibales, os que souberon ler as vísceras das aves, os que ataron no mastro a pálida lfixenia porque séculos antes, na súa condición de notables da república, autorizaran tamén sacrificios humanos. A vida non ten sentido. A vida é o sentido. E o corazón, tan fráxil, unha ave de paso: sobrarían os dedos dunha man para poder contalo. Un can de caza tan ben adestrado que até que estoupa non deixa de bater. Ás veces o corazón nace cun sopro: o vento infiltra-se nel e non o solta, e noutras ocasións rube pola montaña que fai irregular a paisaxe da vida, e móvese por ela como un tren descarrado polos Andes. E tendo estas imaxes na memoria dicimos, pobrememente, que alguén rompeu o noso corazón. Como se fose un óso e non un músculo. Pero as cuncas non son de cristal nin de louza. O aire é o verdadeiro escultor da sede. E o corazón, a máquina de guerra que escolle a quen lle dar a súa metralla. A quen entrega as armas o corazón respóndelle: "Non perderás a vida porque non a tes". O amor é unha operación a corazón aberto. Quen pode asegurar, cando nos abran, se ficaremos salvos ou se iremos morrer?